

**31 de maio de 2025**  
**ATOS DOS APÓSTOLOS**  
**O testemunho dos apóstolos e a atual crise missionária**  
**(III)**

Ao abordar hoje a questão de saber se há indícios que sugerem que Leão XIV está a reconduzir a Igreja ao caminho certo, em conformidade com a Sagrada Escritura e a Tradição, centrar-me-ei sobretudo no tema da missão, que discutimos nas duas últimas meditações.

Temos um primeiro discurso do novo Pontífice relacionado com o tema em questão. Trata-se da "alocução às delegações ecuménicas e inter-religiosas", proferida a 19 de maio de 2025. Passo a citar alguns trechos relevantes para o tema em questão:

“Consciente de que a sinodalidade e o ecumenismo estão intimamente relacionados, desejo assegurar-vos a minha intenção de continuar o empenho do Papa Francisco na promoção do carácter sinodal da Igreja Católica e no desenvolvimento de novas formas e abordagens para uma sinodalidade cada vez mais intensa no âmbito ecuménico”.

É surpreendente que, desde o início do seu pontificado, Leão XIV se refira repetidamente ao seu antecessor, Francisco. Esta referência não deve ser entendida apenas como um gesto de cortesia e respeito, mas também mostra que ele seguirá o caminho que Francisco empreendeu com a Igreja. Até agora, nas frequentes menções e elogios a Francisco, não se percebe a menor distância crítica em relação ao seu pontificado e às suas falhas. Ouçamos outra passagem do seu discurso:

“Um dos pontos-chave do pontificado do Papa Francisco foi o da fraternidade universal. Sobre este assunto, o Espírito Santo ‘impeliu-o’ verdadeiramente a dar grandes passos em frente nas aberturas e iniciativas que os papas anteriores já tinham começado a tomar, especialmente desde São João XXIII. O Papa dos Fratelli Tutti promoveu tanto o caminho ecuménico como o diálogo inter-religioso, sobretudo cultivando as relações interpessoais de tal modo que, salvaguardando os vínculos eclesiais, valorizou sempre o aspecto humano do encontro. Que Deus nos ajude a valorizar o seu testemunho”.

Neste ponto, tenho de contradizer claramente Leão. É verdade que o Papa Francisco prosseguiu as iniciativas dos papas anteriores, mas esta dinâmica conduziu-o, entre outras coisas, às infelizes declarações que referi nas meditações anteriores (Abu Dhabi e Singapura). O Papa Francisco não pode, portanto, ter sido impelido pelo Espírito Santo a enveredar por este caminho

de fraternidade universal, pelo caminho do ecumenismo e pela promoção do diálogo inter-religioso, que terminou com a renúncia à evangelização.

O referido vínculo eclesial — e, portanto, com o Magistério e a Tradição da Igreja — teria impedido Francisco de dar aqueles passos desastrosos que agora pairam como uma sombra paralisante sobre a Igreja e a sua missão. Se Leão XIV se tivesse afastado cautelosamente, mas de forma clara, deste caminho, teria sido criada uma nova situação que teria alimentado a fundada esperança de uma mudança no que respeita à missão. Em vez disso, infelizmente, ouvi-o dizer que devemos valorizar o testemunho de Francisco. O seguinte trecho do seu discurso às delegações ecuménicas e inter-religiosas reafirma-o mais uma vez:

“Testemunharam os notáveis esforços feitos pelo Papa Francisco em prol do diálogo inter-religioso. Com as suas palavras e ações, ele abriu novas perspectivas de encontro, para promover 'a cultura do diálogo como caminho; a colaboração comum como conduta; o conhecimento recíproco como método e critério' (Documento sobre a Fraternidade Humana para a Paz Mundial e a Convivência Comum, Abu Dhabi, 4 de fevereiro de 2019)”.

Penso que podemos afirmar sem sombra de dúvida que, neste ponto, o novo Pontífice continuará o caminho do seu antecessor, no qual o anúncio do Evangelho é substituído pela "cultura do diálogo". No entanto, este diálogo não tem como objetivo levar a mensagem do Evangelho com sensibilidade e delicadeza ao coração dos que pertencem a outras religiões, mas reivindica o seu próprio valor, que se centra na prossecução de outros objetivos, como a fraternidade universal de todos os homens.

O objetivo principal destes encontros e diálogos já não é o anúncio do Evangelho a todas as pessoas, independentemente da sua religião. Pelo contrário! De fato, este objetivo foi mesmo abandonado, como vimos na malfadada Declaração de Abu Dhabi, nas declarações de Francisco em Singapura e no discurso do Arcebispo Bruno Forte sobre a missão aos judeus (ver Meditação de 30 de maio).

Em resposta à questão inicial, não há qualquer indicação de que o atual Pontífice vá mudar de rumo nesta questão. Caso contrário, teria de o fazer de forma clara e inequívoca para começar a sarar a ferida dolorosa causada pelas declarações apóstatas do seu antecessor sobre a missão. No entanto, Leão XIV não o fez. Não poderia ele ter proferido palavras como estas, para alegria dos fiéis?

“Caros irmãos e todos os que procuram Deus,

Há já algum tempo que observo os esforços da Igreja para entrar em diálogo com os representantes das outras religiões. No entanto, constatei que o anúncio de Nosso Senhor Jesus Cristo, que traz a salvação a todos os homens, foi relegado para segundo plano e, nalguns casos, até abandonado. No entanto, não pode ser assim, pois a Igreja deve cumprir a sua missão. Chegou, portanto, o momento de examinar tudo à luz da fé e de o pôr em sintonia com o testemunho dos apóstolos e com o caminho anterior da Igreja”.

**Meditação sobre a leitura do dia (Festa da Visitação):**  
<https://br.elijamission.net/deus-se-regozija-com-seu-povo/>

---